

# *Colóquio de Adão e Eva*

Organização, introdução e notas de  
António Bárbolo Alves  
(Bolsheiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
e do Ministério da Educação)

## FICHA TÉCNICA

Título: *Colóquio de Adão e Eva*

© Centro de Estudos António Maria Mourinho e António Bárbolo Alves

1ª Edição: Março de 2008

Edições do Centro de Estudos António Maria Mourinho

Biblioteca Municipal

Rue de l Cumbento, s/n

5210-021 MIRANDA DE L DOURO

centro.amm@gmail.com

<http://ceamm.no.sapo.pt>

<http://tpmirandes.no.sapo.pt>

## **1. Versões existentes no CEAMM**

No Centro de Estudos António Maria Mourinho existe um único exemplar constituído por 10 páginas dactilografadas.

## **2. Origens**

Este texto foi publicado pelo Padre Firmino Martins, no 2º Volume da sua obra *Folklore do concelho de Vinhas*, páginas 139-170. Cremos que o dactiloscrito existente no CEAMM é uma cópia desta versão, pois as variantes, indicadas em rodapé na edição interpretativa, são muito poucas. Alguns versos e mesmo quadras inteiras são igualmente comuns ao texto do *Auto da criação do mundo* embora, neste caso, a variabilidade seja muito maior.

É de referir que no CEAMM existe igualmente a fotocópia de um folheto intitulado *Verdadeiro Auto de Adão e Eva ou Estado Primitivo da Natureza*, da autoria de João de Pádua Vasconcelos, cuja primeira parte, em que entram Adão, Eva e o Anjo, é muito semelhante ao do nosso "colóquio".

## **3. Representações**

Não temos notícia de nenhuma deste "colóquio"

ADÃO

Estive até agora dormindo  
Só agora acordei  
A este meu próprio lado  
Minha companheira achei.

Deus te salve, companheira  
A quem o Senhor formou  
Deus permita consigamos  
O fim para que nos criou.

Para clara notícia  
Do princípio que tivemos  
É justo que me atendas  
E que nisso meditemos.

Eu do abismo do nada  
Há pouco que fui tirado  
Do mais belíssimo barro  
Este corpo foi formado.

Esta obra acima dita  
Só Deus a pôde fazer  
Em Trindade de pessoa  
É unidade de ser.

As três pessoas disseram  
Que me queriam formar  
Bem à sua semelhança  
Sem nada discrepar.

*Faciamos homine at imaginem nostram.*

Aqui o poder divino  
Com sua sabedoria  
E com senso de amor  
Fizeram esta harmonia.

Cinco dias despendem  
Para mais cousas criar  
Papa formar o homem  
Um dia *quix* ocupar.

Para que assim conhecesse  
O empenho do Senhor  
E estivesse obrigado  
A tributar-lhe amor.

E tendo-me o Senhor formado  
Em corpóreo embrião  
Determinou dar-me vida

Para minha *consulação*.

E do seu próprio espírito  
Logo em mim inspirou  
Alma, sentido e vida  
Com que me *vereficou*.

E vendo que estava só  
Companheira me *quix* dar  
E assim determinou  
Tua pessoa formar.

Para isso me infundiu  
Um sonho mui arrebatado  
E uma costela me tirou  
Do meu esquerdo lado.

Desta costela saíste  
Minha gentil consorte  
Para que entre nós não haja  
Nem uma diferente sorte.

Mandou que multiplicássemos  
Até que o mundo se enchesse  
E com fé o servisse  
E santamente o temesse.

Prometeu-nos o comer  
Dos frutos do paraíso  
Só reservou uma árvore<sup>1</sup>  
Pelo seu alto juízo.

Proibiu-nos<sup>2</sup> o comer  
Desta árvore reservada  
Com pena de morte foi  
Que a deixou vedada.

Um recíproco amor  
Mandou que houvesse entre nós  
E que tu me obedecesses  
À minha primeira voz.

EVA  
Eu vendo me assim formosa  
Não devo obedecer  
Pois onde há<sup>3</sup> formosura

Tudo se deve render.

---

<sup>1</sup> “arvor”.

<sup>2</sup> “Proebiunos”.

<sup>3</sup> “a”.

O mais que posso fazer  
Empregar-me<sup>4</sup> em te servir  
Mas a minha liberdade  
Não se me há-de impedir.

E se eu não hei-de fazer  
O que me der na vontade  
Pouca alegria me causa  
A tua sociedade.

Alem de tudo isto  
Te devo advertir<sup>5</sup>  
Que nós somos iguais  
Não me debes preterir<sup>6</sup>.

ADÃO  
Olha para estas barbas  
Que mas pôs a Providência  
Para que à vista delas  
Me rendas obediência.

Pois este é um sinal certo  
De eu ter mais entendimento  
Para que tu me obedeças  
Em todo o lugar e tempo.

EVA  
Todo o teu entendimento  
Se resolverá em nada  
Se acaso te enganar  
Com a mais leve palavra.

ADÃO  
Depois de ser mulher  
Não a posso duvidar  
Que com as tuas astúcias  
Qualquer possas enganar.

Advirto-te<sup>7</sup> porém  
Não uses de enganar  
Que se enganares alguém  
Outra tal há-de ficar.

E se tocarmos nos frutos  
Do meio do paraíso  
Logo passaremos a ser réus

Do seu divino juízo.

Tendo logo sem demora  
Uma lamentável sorte  
De nos privarmos a graça  
E sujeição<sup>8</sup> à morte.

Agora dá-me licença,  
Que me quero encostar  
Peço-te que sosseguemos  
Que não vás a passear.

*Deita-se e diz Eva:*

Pois que Adão está dormindo  
Quero-me me ir a divertir<sup>9</sup>  
Que não há outra pessoa  
Que mo possa impedir.

Não importa ele ter dito  
Que não fosse a passear  
Pois o que for meu gosto  
Há-de se executar.

Ó que loucura seria  
Não me ir a passear  
Tendo este paraíso  
Tanto que admirar.

*Vê a serpente na árvore.*

Como pode ser possível  
A serpente haver subido<sup>10</sup>  
Àquela árvore vedada  
Que a todos é proibido.

SERPENTE  
Quem te meteu na cabeça  
Haver tal proibição  
Digo-te, és mulher louca  
Se a isso dás atenção.

EVA  
Fez o Senhor um decreto  
Com rigoroso preceito  
Que quem comer deste pomo  
A morte fica sujeito<sup>11</sup>.

---

<sup>4</sup> “Empregame”.

<sup>5</sup> “adivertir”

<sup>6</sup> “proferir”

<sup>7</sup> “Adivirto-te”.

---

<sup>8</sup> “sojeição”.

<sup>9</sup> “adivirtir”.

<sup>10</sup> “sobido”.

<sup>11</sup> “sugeito”.

SERPENTE

A ciência do bem  
Aqui está encerrada  
Juntamente do mal  
Aqui está *recupelada*.

Quem deste pomo comer  
Grande ciência terá  
Tão como o deus do céu  
E com ele competirá.

Tira-te já de cuidados  
E temor de morrer  
Come-a<sup>12</sup> como eu faço  
Sábua virás a ser.

EVA

Ora, já irei comendo  
Não perco a ocasião  
Para ter tanta ciência  
Como Deus e como Adão.

*Come a maçã e volta as costas à árvore e a  
serpente tira-lhe a capa dizendo:*

Olá, olá minha amiga  
Olha lá tua ciência  
Agora já estás perdida  
Arma-te de paciência.

Já agora não há remédio  
Se não ficares perdida  
Se fizeres cair Adão  
Ficar-te-ei agradecida.

*Eva deita as mãos à cabeça a gritar:*

Maldita seja a serpente  
Cujas mentiras cri  
Com os seus enganos astutos  
A Deus desobedecei.

Enganaste-me, astuta,  
Por minha *simplicidade*  
Maldita sejas para sempre  
Inimiga da verdade.

Ó miserável mulher

Que até foste traidora  
Agora vives como escrava  
Sendo até aqui senhora.

Da experiência do mal  
Já não posso duvidar  
Vou-me chegando para Adão  
Antes que entre a chamar.

E se eu chegar a casa  
Enquanto estiver dormindo  
Hei-de ver se o engano  
Para ver se de mim  
Não se fica rindo.

*Chega Eva. Adão buscando-a pelas casas e diz:*

Ó meu querido Adão  
Que sono tão dilatado  
Agora já podes ter  
Teu corpo bem descansado.

Comi mui bem à vontade  
A maçã que Deus me deu  
E não me causou a morte  
Porque ainda viva estou.

Trago-te aqui a metade  
Para te dar a comer  
Come, não tenhas medo  
Porque não hás-de morrer.

Antes pelo contrário  
Nós ficaremos sabendo  
Tanto como Deus do céu  
Toma lá, iremos vendo.

*Adão come a maçã mas não a pode engolir nem  
deitar fora e diz:*

Ó miserável de mim  
Que sendo príncipe reinante  
Por ambição e soberba  
Me vejo ignorante.

Até aqui todo o vivente  
Por seu rei me venerava  
Porque em conhecer a Deus  
Todo o meu tempo ocupava.

Mas tanto que quebrantei

---

<sup>12</sup> “Comia”.

O seu divino preceito  
Perdi todo o meu império  
À morte fico sujeito.

Sendo até aqui feliz  
Vejo-me nu e despido  
Sujeito ao pecado  
Por todo o modo perdido.

Tu também estás perdida  
Em tudo igual comigo  
Ali está uma figueira  
Vamos lá buscar<sup>13</sup> abrigo.

*Escondem-se e vêm vestidos de folhas de figueira e diz Adão:*

Ó mulher enganadora  
Que há pouco me enganaste  
Fizeste de mim perdido  
E tu perdida ficaste.

Ora verás tu agora  
O sustento que teremos  
Ao suor do nosso rosto  
É que nos sustentaremos

Mas não pára aqui ainda  
A nossa desgraçada sorte  
Somos servos do pecado  
E com sujeição à morte.

Ainda aqui não há lástimas  
À nossa grande ruína  
Pois estamos feitos réus  
Da indignação divina.

Já também experimentámos<sup>14</sup>  
As perdas das regalias  
Desta vida temporal  
Que tu até agora vias.

A terra reproduzia  
Frutos sem ser cultivada  
Agora produz abrolhos  
Que está amaldiçoada.

A culpa que cometemos  
Lhe causou tal maldição

Para ais não produzir  
Belos frutos de *benção*.

As feras e bichos bravos  
Nos vinham obedecer  
Mas agora só perjuram<sup>15</sup>  
Em nos acometer.

Já agora estamos sujeitos  
A sofrer enfermidades  
Corrupções da natureza  
E outras calamidades.

Mas quando o Senhor vier  
Dir-nos-á muito irado  
Ide-vos do Paraíso  
Pois sois servos do pecado.

ANJO<sup>16</sup>  
Ó Eva enganadora!  
Ó enganado Adão!

Toda a humana geração!

Somente uma criatura  
Será toda a exceção,  
Isenta de toda a culpa,  
Posto que filha de Adão.

Dizei-me que tentação  
A pecar vos excitou,  
Que vos fez ignorantes  
E da graça vos privou.

Bem sei que foi a soberba  
Juntamente a ambição  
Que vos fez participar  
Nesta *tam* cega paixão.

Bem vos podíeis lembrar  
Que a soberba e ambição  
Muitos anjos fez demónios  
E réus de condenação.

EVA  
Eu tenho boa desculpa  
Porque estava inocente,

---

<sup>13</sup> “voscar”.

<sup>14</sup> “esperementamos”.

---

<sup>15</sup> “perjuram”.

<sup>16</sup> Como se pode conferir pela edição digitalizada, na nossa versão não aparece esta referência ao personagem “Anjo”.

Com palavras mentirosas  
Me enganou a serpente.

ANJO

A serpente é culpada  
Em te vir persuadir,  
Mas se não querias pecar  
Não a quiseras ouvir.

E se logo recorresses  
À divina clemência,  
A serpente te deixara  
Lograr tua inocência.

Mas porque tua soberba  
Te não deu esse lugar,  
Assim tudo perdeste  
E nada vieste a ganhar.

E tu diz-me, ó Adão,  
Que loucura te exaltou,  
O querer saber tanto  
Como Deus que te criou.

ADÃO

Eva a quem tanto amava  
Me fez cair em pecado,  
Por seus enganos astutos  
Me acho prejudicado.

ANJO

É para ter compaixão  
Ó Adão, homem primeiro,  
O ver-te sem a graça  
Que dela eras herdeiro.

Quanto menor mal seria  
Ser tua vida perdida,  
Do que a vontade de Deus  
Estar por ti ofendida.

Aspiraste o ser sábio  
Para a todos acobardar,  
E assim tudo perdeste  
Nada vieste a ganhar.

ADÃO

Meu Deus, a vossa bondade,  
É a que me está movendo  
Com um pesar puro  
E um respeito tremendo.

Meu Deus, na vossa presença  
Rendido estou confessando,  
Que tenho que vos dar contas  
Mas a hora não sei quando.

Se na culpa que tenho  
Chegar à vossa presença,  
Como tenho<sup>17</sup> favorável  
Minha última sentença.

Mas se vós me condenais  
Eu não me posso queixar,  
Pois não há outro juiz  
Para quem possa apelar.

ANJO

Cala-te, Adão temerário,  
No teu modo de dizer,  
Pois tens outro tribunal  
Onde possas recorrer.

Cala-te Adão temerário  
No teu modo de dizer  
Pois tens outro tribunal  
Onde possas recorrer.

Sabe que Deus tem justiça  
Mas também tem piedade  
Para este hás-de apelar  
Com profunda humildade.

Lança-te arrependido  
Com pesar e contrição  
E do pecado passado  
Terás completo perdão.

ADÃO

Este pesar só consiste  
Em vos ter ofendido,  
Pois sois a suma bondade  
E assim estou arrependido.

Proponho com vossa graça  
Culpa mais não cometer,  
Ajudai-me, meu bom pai,  
Para isto assim fazer.

EVA

---

<sup>17</sup> “tereí”, na edição do Padre Firmino Martins.

Bem conhecida estou  
Que da culpa fui origem  
Mas a redenção virá  
Que nascerá duma virgem.

Mas o que devo dizer,  
Ó meu Deus e meu Senhor,  
Que de eu ter pecado  
Tenho profunda dor.

Por este mesmo motivo  
Proponho mais não pecar,  
Ajudai-me, meu bom pai,  
Para assim poder obrar.

ANJO  
A vossa desobediência  
Vos fez réus de indignação,  
Mas o caso está nos termos  
De alcançar de Deus perdão.

Pois o Senhor atende  
Ao vosso pesar e dor,  
E teve profundamente  
O seu divino amor.

Mas da parte do Senhor  
Vos venho anunciar  
Que saiais do Paraíso  
Do qual vos venho lançar.

Ide lá para o campo  
Com trabalho sustentar-vos,  
Já que perdestes os dons  
Que Deus foi servido dar-vos.

Bem vos podíeis conservar  
No *ilustroso* jardim,  
Que era figura bem certa  
Do vosso último fim.

Mas porque só aspirastes  
A cumprir o vosso gosto,  
Ide sustentar-vos  
Ao suor do vosso rosto.

Dois instrumentos levai  
Que bem vos podem servir,  
De lembrança bem constante  
Para nunca mais cair.

*Dá-lhe a enxada e a roca e diz:*

Cava, cava, ó Adão,  
Cava nessa terra dura,  
Que ainda há-de vir a ser  
Para tua sepultura.

Assim sai com presteza  
Por esse mundo além,  
E deixai o paraíso  
Que lá não entra ninguém.

Pois tenho recomendação  
Da sua porta guardar  
Que o Senhor me mandou  
E eu assim o hei-de obrar.

O Senhor que vos criou  
Vos queria sempre guardar,  
Para que na glória eterna  
O possais sempre gozar.

Não poderá haver pessoa  
Que deixe de ter pesar  
De vos ver ir feitos réus  
Desterrados a andar.

Maldita seja a culpa,  
Maldito seja o pecado,  
Que tão breve fez mudança  
De tão bom a mau estado!

*Caim, Sete, Abel e Diabo*

Meus caríssimos irmãos,  
Três somos em companhia  
É bem que entre nós haja<sup>18</sup>  
Uma bem santa harmonia<sup>19</sup>.

Esta deve ser fundada  
Em amor e caridade,  
Fez a Deus por objecto  
Autor de toda a verdade.

Para isso os corações  
Devemos já preparar,  
Para o amar e temer  
Pois que nos há-de julgar.

---

<sup>18</sup> “aja”.

<sup>19</sup> “armonia”.



E não só o seu juízo  
Nos deve causar terror,  
Muito mais o mesmo Deus  
Digno de todo o amor.

Para isso é preciso  
Prostrar-nos com humildade,  
Abater nossa<sup>20</sup> soberba,  
Fundar-nos na caridade.

Pois é tal peste a soberba  
E tem tal atrevimento,  
Que fez passar muitos anjos  
A ser presa de tormentos.

E nossos pais conhecendo  
Esta mudança tão grave,  
Pela soberba passarão  
A uma fatal desgraça.

À vista destes extremos  
Que agora estive contando,  
Usemos de caridade  
Uns aos outros amando.

CAIM  
Foste já cobiçar estas  
Com capa de santidade,  
Debaixo de tuas mentiras  
Encobres tuas maldades.

Muda já de parecer  
E guarda-me respeito,  
Que se outra fizeres  
Esta te meto no peito.

Hás-de ter bem na lembrança  
Que sou o senhor morgado,  
Que de ti e de teus filhos  
Hei-de ser bem respeitado.

E tu também *Abelsinho*,  
Olha bem direito para mim,  
Por estas barbas te juro  
Que da pele te hei-de dar fim.

Advirto-te, porém,  
Que isto somente farei  
Se me não obedeceres

Da forma que já direi.

O meu recado está dado  
Vede lá o que fazeis,  
Se não fizerdes o que eu digo  
Nestas mãos acabareis.

ABEL  
Conheço, irmão Caim,  
Seres primeiro nascido,  
Que de alguma maneira  
Deves ser mais atendido.

Mas isso só tem lugar,  
Se falarmos da razão,  
Com destino da soberba  
E vício da ambição.

Pois a soberba e a ambição  
Muitos anjos fez perder,  
Estando no estado da graça  
Ao inferno os fez descer.

E sabendo nossos pais  
Deste caso tão fatal,  
Nem por isso a soberba  
Deixou de lhe fazer mal.

Pois estando na inocência  
E no estado da graça,  
Pela soberba passaram<sup>21</sup>  
A uma fatal desgraça.

Assim será muito justo  
Que ofereçamos sacrifício  
A Deus que tudo nos dá  
Para obtermos propício.

E há-de ser um cordeiro  
Do rebanho mais perfeito,  
Para que desta forma  
Seja de Deus mais aceito.

E tu sendo lavrador  
Só os mosqueiros ofereces,  
Ficaste com o bom trigo  
Olha lá o que mereces.

CAIM

---

<sup>20</sup> “Abatenos na”.

---

<sup>21</sup> “passarão”.

Eu quero que para mim seja  
Do gado o melhor cordeiro,  
Que depois de Adão  
Sou eu o homem primeiro.

SETE

Eu bem sei, irmão Caim,  
Que és mais velho em idade,  
Mas sabe, isso não causa  
Alguma dignidade.

Oferece ao teu Deus  
A primeira novidade,  
Com uma fé verdadeira  
Com zelo e humildade.

Ao nosso irmão Abel  
Trata com benevolência,  
Pois tudo quanto ele diz  
É fundado em ciência.

Bem sabemos com a *certesa*  
Que nosso pai Adão pecou  
Com dor e arrependimento  
De Deus perdão alcançou.

Pois que temos a certeza  
De ser filhos do pecado,  
*Ofreçamos* sacrifício  
Para ter Deus aplacado..

*Vai-se Sete e Abel, fica Caim e sai Lúcifer:*

LÚCIFER

Ó meu amigo Caim  
Eu vou-te entristecer,  
Se queres que te console  
Eu bem to posso<sup>22</sup> fazer.

Para isso há-de tomar  
O conselho que te eu der,  
Não me dês confiança  
Nem a Sete nem a Abel.

Pois na família de Adão  
Tens a *honrra* de morgado,  
Entre todos os mais  
Tens de ser<sup>23</sup> bem respeitado.

---

<sup>22</sup> “poso”.

<sup>23</sup> Na versão do Padre Firmino Martins lê-se:  
“Deves ser...”.

Não brinques com teus irmãos,  
Traz-mos todos bem atormentados,  
Assim como de teus filhos,  
Deves ser respeitado.

Faz-lhe cara de ministro  
E fala-lhe com cachaço<sup>24</sup>,  
E se te *remensarem*<sup>25</sup>  
Atira-lhe um *cotilaço*<sup>26</sup>.

Se lhe *poseres* as mãos  
Põe-lhas<sup>27</sup> logo a acabar,  
Pois tu como és morgado  
Não te podem incriminar<sup>28</sup>.

Olha que eu sou o Diabo,  
Letrado, bem entendido,  
Quem tomar os meus conselhos  
Certo tem o estar perdido.

*Vai-se e diz Caim:*

Ora eu não cuidei  
Que o Diabo aconselhava tão bem<sup>29</sup>,  
Hei-de tomar seus conselhos  
Ainda que perca alguém.

Sei que Sete e Abel  
Dizem que são meus irmãos  
Também hão-de ser meus escravos  
Em lhe eu pondo a mão.

Dizem que sacrifique  
A Deus do trigo melhor,  
Ora era forte asneira  
Deixar para mim o pior.

*Sai Sete e Abel:*

SETE

Nós temos a obrigação  
De a nosso Deus oferecer

---

<sup>24</sup> “caçaco”.

<sup>25</sup> Na versão do Padre Martins lê-se  
“remencarem”. Ambas as formas quererão  
significar “contestar” ou “responder”, talvez por  
influência de “arremedar”.

<sup>26</sup> Possivelmente querendo significar “cutilada”?

<sup>27</sup> “Poi-lhas”.

<sup>28</sup> “criminar”.

<sup>29</sup> “tambem”.

Um bem puro sacrifício  
Do melhor que *puder*<sup>30</sup> ser.

CAIM  
Que eu ofereça um bom trigo  
Não o tornes a dizer  
Se me repetes tal cousa  
Nestas mãos há-de morrer.

ABEL  
Vejo-te estar mui soberbo  
Ó meu querido Caim,  
Sinto por tua soberba  
Te *soceda* um mau fim.

Uma cousa só te digo  
Que se não pode negar  
Que quem for leal a Deus  
Certo tem o dele *gosar*.

CAIM  
Fala-me com humildade  
Não me fales com ameaços,  
Que te saltarei o corpo,  
Que te porei em pedaços.

ABEL  
Eu humilde devo ser,  
Por<sup>31</sup> minha natureza  
É de barro quebradiço  
Sem ter alguma *nobresa*.

Todo este ser que tenho  
Todo a Deus sou devedor,  
E assim lhe vou oferecer  
Dos cordeiros o melhor.

CAIM  
Para que cuidem que és *biato*  
Vais oferecer sacrifício,  
Mas o ser beato falso  
Ainda é pior ofício.

*Põe Abel o cordeiro no altar e diz Caim:*

Ora anda beatinho,  
Que se Deus te não ouvir,  
Ou de ti não fizer caso,

---

<sup>30</sup> “poder”.

<sup>31</sup> Na versão do padre Martins lê-se “porque”.

Muito tenho que me rir.

*Oferecimento de Abel:*  
O cordeiro que aqui ponho  
Branco é como a neve pura,  
A vós meu Deus vo-lo ofereço  
Com humildade e candura.

Esta vítima que ofereço  
É uma clara figura  
Do cordeiro que esperamos  
Para a redenção futura<sup>32</sup>.

Este cordeiro que aqui ponho  
É o melhor que encontrei,  
É o mais bem arranjado  
Que no rebanho achei.

*Vem o fogo do céu:*

Eu bem conheço Senhor  
Que não sou merecedor  
Que do céu me viesse  
Tão avultado favor.

Bendita seja para sempre  
Vossa avultada<sup>33</sup> clemência,  
Que aceitou meu sacrifício  
Com tão grande benevolência.

Por vosso amor vos peço,  
Ó meu Deus e meu Senhor,  
Que me não ensoberbeço  
Com tão grande favor.

CAIM  
Cala-te, beato falso,  
Que és muito confiado,  
Primeiro devia eu ir  
Porque sou o mais *honrrado*.

*Faz Caim o seu oferecimento só com um joelho  
no chão:*

Ó meu Deus, estas *mosqueras*<sup>34</sup>

---

<sup>32</sup> “fotura”.

<sup>33</sup> Como se pode conferir pela edição digitalizada, esta palavra foi riscada. Na versão do Padre Martins lê-se “santa”.

<sup>34</sup> Na versão do Padre Martins lê-se “mosqueiras”, tratando-se certamente de uma

Que aqui vos estou oferecendo,  
Parece que são bem boas  
*Podei-as* ir recebendo.

Ó meu Deus, eu mui deveras  
Vos estou *suplicando*,  
Que a minha propagação  
Sempre se vá aumentando.

E que de maior *nobresa*  
Haja sempre de *gosar*,  
Na descendência de Adão  
Enquanto o mundo durar.

ABEL  
Cala-te, irmão Caim,  
Depõe essa *capitolância*,  
Que Deus não despacha súplicas  
De soberba e arrogância.

Funda-te na humildade  
Com reverência e temor,  
Serás amigo de Deus  
Digno de todo o amor.

Porque a maldita soberba  
No teu coração entrou,  
Que fizeste um sacrifício  
Que Deus não to<sup>35</sup> aceitou.

CAIM  
Tu, malvado, foste a causa  
De o Senhor não me receber  
Aquele meu sacrifício  
Depois de lho oferecer.

Agora *istou* resolvido  
A vingar minha paixão,  
Com cruéis estocadas<sup>36</sup>  
*Repassar-te* o coração.

*Mata Caim a Abel:*

SETE  
Ó inocente irmão,  
Quem a vida te tirou,  
O irmão mais insolente

Que no mundo se criou.

Nunca me persuadi  
Que no mundo se criasse  
Irmão de tal crueldade  
Que a vida a outro tirasse<sup>37</sup>.

Teu sangue vejo patente,  
Ó meu querido irmão,  
Que está clamando justiça  
A pronta satisfação.

Diz-me, Caim cruel,  
Tirano mais insolente,  
Que motivo te arrojou  
A matar um inocente.

*Vai-se Caim e diz Sete:*

Descansa lá, ó Abel,  
Nesse seio de Abraão  
Enquanto vem o Redentor  
Trazer-nos a redenção.

Pois então hás-de passar  
A ser bem-aventurado  
*Gosando* da *iterna* vida  
Triunfando do pecado.

Tu és o primeiro homem  
Que neste mundo morreu,  
Como irmão mais novo  
Terás morgado no céu.

Caim que nasceu primeiro  
Diversa sorte terá,  
Pelo seu *homicídio*  
Para sempre penará.

Tua morte estou chorando  
Ó irmão muito amado,  
Mas em ponto de vingança  
Deus terá esse cuidado.

Lança-te nestes braços  
Para te ir sepultar,  
Enquanto vida tiver  
A tua morte hei-de chorar.

---

erva daninha ou dos restos do trigo depois de  
joeirado.

<sup>35</sup> “tu”.

<sup>36</sup> “estocadas”.

---

<sup>37</sup> “tira-se”.

*Sete e Anjo levam Abel e sai Lúcifer:*

Alegrai-vos, companheiros,  
Dessa infernal morada,  
Eu já fiz uma empresa  
Que deve ser decantada.

O primeiro que nasceu  
Na família de Adão  
Já tem contra si sentença  
De eterna condenação.

Já lhe não pode valer  
O fruto da penitência,  
Pois já desesperou  
Da divina clemência.

Com tirania matou  
Justo Abel, seu irmão,  
E não *quize*, obstinado,  
Implorar de Deus perdão.

Nesta obstinação  
Entrou logo a duvidar,  
Se Deus teria poder  
De tal pecado perdoar.

Assim Deus logo mandou  
Que se fosse desgarrado  
Pelos montes e rochedos  
Que é sinal de reprovado.

Ponhamos todo o desvelo  
Em enganar os demais,  
Para que na condenação  
Sejamos todos iguais.

E se os filhos de Sete  
Casarem com os filhos de Caim,  
Havemos de ver pecadores  
Este desejado fim.

*Vai-se e Caim sai:*

Sou o mais *enfeliz* filho  
Que criou meu pai Adão,  
Pois me vejo em estado  
De eterna condenação.

Ainda não estou sentindo  
A pena por experiência,

Mas já mo está mostrando  
O rumor da consciência.

Com razão isto sucede  
Porque, aleivoso, matei  
A um irmão inocente  
Cujo sangue derramei.

Este inocente sangue,  
Está clamando mudamente,  
Fazei, Senhor, justiça  
Sobre Caim delinquente.

Como seja promulgou  
Sentença de meu pecado,  
Como fera vou andar  
Pelos montes desgarrado.

O ir andar como bruto  
É justo e de razão,  
Pois já desesperei  
Que Deus me desse perdão.

*Sai Lameque:*

Sou caçador afamado  
Meu ofício é matar,  
Bichos, feras, e monteses  
Até fim lhes poder dar.

Armado de arco e flecha  
Aqui vou aparecendo,  
Para disparar o tiro  
À fera que estou vendo.

Daqui donde estou vejo  
Homem vivente, avultado,  
Mas se acaso é homem  
Está em fera disfarçado.

Para conhecer que é vivente  
Vejo que faz movimento,  
Se soubesse que era homem  
Não lhe dera tal tormento.

Mas do modo que está  
Homem não parece ser,  
Ouve falar e não fala,  
Certo terá o morrer.

Assim lá vai o tiro  
Não sei se acertarei,  
O alvo do meu empenho  
Nunca em tempo errei.

Por isso certeza tenho  
Que mostro ao que atiro,  
Que tanto que disparar  
Nunca mais há-de ser vivo.

Para saber da verdade  
Faço minha pontaria,  
Morra o velho furor<sup>38</sup>  
E mais a sua cobardia.

CAIM

Lameque porque me deste  
Esta morte tão insolente,  
Não te podias lembrar  
Quem era teu descendente.

LAMEQUE

Se eu soubesse que eras tu  
Que assim estavas disfarçado,  
Não te dera tal tiro,  
Mas foi-te bem empregado.

Se achas que eu mal falo  
No meu modo de dizer,  
Dá-me notícias de Abel  
É o que quero saber.

CAIM

Abel por quem me procuras  
Nunca estive em meu poder,  
Só sei que tu foste a causa  
De eu agora morrer.

Agora que estou moribundo  
Por quem é que chamarei,  
Só se for por o Diabo  
Cujos conselhos tomei.

LAMEQUE

Eu não quero que o Diabo  
À tua morte te assista,  
Se tens contratos com ele  
Desfazei-os lá à vista.

Pois o ofício da caça  
Quero ir continuando  
Que é mais *adivertimento*  
Do que o andar lavrando.

LÚCIFER

Tanto te quero, Caim,  
Que na hora da morte  
Venho alegrar  
A tua desgraçada sorte.

Em vida foste amigo  
Fizeste-me a vontade,  
Agora vai-te ao inferno  
Faremos sociedade.

Lá acharás penas eternas,  
Blasfémias e maldições,  
Penas sem fim,  
Tudo cheio de desesperações.

O fogo que te há-de queimar  
E te há-de consumir,  
Eu por mim o experimento  
Por isso não me posso rir.

O melhor gosto que tenho  
É ter-te enganado,  
Ver-te em vida como bruto  
E por morte condenado.

O inferno é uma casa  
Das portas mui decantadas,  
Para entrar estão abertas  
Para sair estão fechadas.

Anda, vamos para lá,  
Digamos aos pecadores  
Se nos querem acompanhar  
Far-nos-ão grandes favores.

Olhai bem pecadores  
Olhai que isto é assim,  
Se vos quiserdes escapar  
Não vos pintareis em mim.

---

<sup>38</sup> “forror”.